

07-02-2022

INDIGNAÇÃO 4.0!**Agnes Zoé Garal**[Assessora de Imprensa Sindical. Supervisora de *clipping*]

Tratores são a face 4.0 dos trabalhadores rurais arrasados em suas terras. Poeiras são a face 4.0 que volatilizam minérios preciosos para as cadeias transnacionais de produção de quase tudo que faz o capital girar. Robôs são a face 4.0 dos trabalhadores industriais de mãos e mentes trituradas na esteira do lucro. Algoritmos do aplicativo são a face invisível dos feitores 4.0 dos uberizados acossados pela morte no asfalto.

Produtivismo é a face 4.0 da criação humana que tem na tecnologia a ferramenta do lucro exasperante.

Consumo de celular 5G, carro do ano, academia de ginástica, viagens, grana, são a face 4.0 da 'carestia' vendida nas mídias e redes sociais... Democracia e justiça social não constam mais da cesta básica... «INDIGNAÇÃO 4.0!» deveria estampar nossas faces trabalhadoras. O sonho desfeito, a esperança derretida, a luta do povo e sua conquista de futuro negada - reivindicados na Carta à República (Milton Nascimento, Fernando Brant, 1997) - são perdas que amargam nosso caminhar de hoje.

Conversar, ouvindo essa música atemporal, convoca-nos à ação.

[...] *Mas eu não posso esconder a amargura*

Ao ver que o sonho anda pra trás

E a mentira voltou

Ou será mesmo que não nos deixara?

Mas o que se vê é a busca individual por ficar rico acreditando em propostas dos opressores de sempre. A 'utopia' da vez do necroliberalismo - microempreendedorismo - está estampada em jornais, revistas, esquinas, bicos, condomínios, favelas, novelas, filmes... Marketing primoroso transforma o desejo de sair da miséria - decorrente da precarização estrutural do trabalho - em desejo de enriquecer e parar de trabalhar. Parar de trabalhar porque já parou, nem começou, ou porque cansou de tentar trabalhar. Parar de trabalhar para parar de sofrer, de adoecer trabalhando, não morrer trabalhando... Nos EUA, um aumento sem precedentes de pedidos de demissão e de oferta de vagas não preenchidas tem sido abordado como um fenômeno social designado "A Grande Renúncia", multicausal claro, mas em grande parte devido a reflexões sobre "se vale a pena topar tudo por dinheiro" ([veja](#)). Também naquele país, greves e busca por sindicalização também têm se ampliado. O desejo brasileiro de enriquecer para parar de trabalhar e os movimentos americanos de renúncia ao emprego e de sindicalização têm um aspecto em comum: os trabalhadores estão insatisfeitos com suas condições de trabalho ([veja](#)). Reconhece-se o papel da pandemia em diversas transformações sociais. Entre os trabalhadores essenciais estadunidenses, de diversos setores produtivos, a pandemia inspirou esforços de organização coletiva por melhores condições de segurança no trabalho.

Na medida que um coletivo avança em conquistas, há um efeito 'bola de neve' que encoraja a organização de outros grupos.

Ainda que os modelos sindicais americano e brasileiro sejam diversos - nos EUA por empresa e no Brasil por categoria - há em nosso país um contexto favorável à formação e à atuação sindical, inclusive pelo crescente envolvimento político dos mais jovens ([veja](#)).

Os movimentos de renúncia ao trabalho estão provocando nos EUA ociosidade na oferta de vagas, aumentando o poder de barganha dos sindicatos junto aos empregadores. No Brasil, os anos necroliberais mingauaram sindicatos, aprofundaram desigualdades, solaparam direitos trabalhistas duramente conquistados... nos tornaram descrentes, nos desmotivaram a seguir na luta coletiva...

A esperança que a gente carrega

É um sorvete em pleno sol

O que fizeram da nossa fé?

Acredito que nós, trabalhadores, podemos nos re-unir e re-inventar nossas organizações sindicais. O acervo do sindicalismo (Santana, 2005) na agregação do operariado fabril da revolução industrial continua sendo central ao renascimento do movimento sindical na revolução tecnológica. O necroliberalismo está agregando os trabalhadores "precariados" (Standing, 2017) em micro-empresendimentos que alimentam a ciranda financeira dos opressores que retiraram direitos trabalhistas.

Vendem a ilusão de liberdade, flexibilidade e dignidade - maquiadas de tecnologias - que em pouco tempo transforma-se em jornadas exaustivas de mais de 12 horas diárias sob a 'gerência', 'autoritarismo' e 'grades' do aplicativo. O povo brasileiro que reconquistou a democracia precisa continuar na luta.

Eu briguei, apanhei, eu sofri, aprendi,

Eu cantei, eu berrei, eu chorei, eu sorri,

Eu saí pra sonhar meu país

E foi tão bom, não estava sozinho

A praça era alegria sadia

O povo era senhor

E só uma voz, numa só canção

No Brasil, o movimento seria de 'retorno' num sindicalismo ampliado - para além do umbigo - revigorado e articulado aos movimentos sociais. Um sindicalismo que coloque o trabalho na pauta dos movimentos identitários de raça, gênero, cidadania, e que se enlace aos movimentos dos sem terra e sem teto. Um sindicalismo de incluídos e excluídos do trabalho, cuja filiação se estenda por toda a trajetória profissional do trabalhador, ainda que mude de emprego e de categoria ([veja](#)). A reinvenção do sindicalismo brasileiro passa também pela reconquista da democracia plena, pela retomada das rédeas na condução de políticas sociais. O arremedo de democracia a que chegamos está longe de ser aquela a que temos direito.

O necroliberalismo nos levou ao passado

..... retornar ao futuro requer indignação, garra e afeto!

E foi por ter posto a mão no futuro

Que no presente preciso ser duro

E eu não posso me acomodar

Quero um país melhor

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.